

SADRUDDIN MUHAMMAD SHIRAZI

(MULLA SADRA)

(1572-1640)

*Spissitudo Spiritualis*¹

Apresentação de Henri Corbin²: O termo *spissitudo spiritualis* (condensação ou consistência espiritual) foi sugerido por Henry More no seu *Enchiridion metaphysicum* para designar a “quarta dimensão”, cuja ideia inevitavelmente o tocou assim que ele compreendeu a distinção entre os conceitos de espaço (aqueles dos locais supra celestes [*locus supracoelestes*]) e o conceito de matéria. A expressão pareceu apropriada para caracterizar as próximas páginas de Mulla Sadra. Ela traz à tona uma afinidade não tão surpreendente entre os Platonistas de Cambridge e os Platonistas Persas, ao qual retornaremos em outro lugar.

Tudo que o homem retrata a si mesmo, tudo que ele realmente percebe, seja através da percepção inteligível ou sensória, seja nesse mundo ou além, todas essas coisas são inseparáveis do próprio homem e não podem ser dissociadas de seu “Eu” essencial. Mais precisamente, o que o objeto da percepção visual essencialmente é, é algo que existe nele mesmo, não em alguma outra coisa. Nós já tivemos oportunidade de falar sobre o que o objeto de percepção visual essencialmente é; quando o céu, a terra, ou qualquer outra coisa é percebida por nós, não é uma forma externa existente em um dado material objetivo, como encontrada nas dimensões de nosso mundo.

É verdade que no despertar da consciência no homem, a percepção da alma requer a cooperação dos órgãos materiais (olhos, ouvido e assim por diante); ela também requer que a posição dos objetos satisfaça certas relações, pois a percepção é ainda somente potencial no ser do homem, visto que ele é um sujeito sensível. Isso, portanto, deve ser colocado em uma perspectiva adequada, e a condição peculiar do órgão de percepção em relação ao objeto material deve ser cumprida. Mas, o objeto material nunca é nada mais que um objeto percebido *por acidente*; é, na verdade, somente uma forma externa imitando, exemplificando, a forma presente na alma (sua forma arquetípica no *Malakut*), que é *essencialmente* o objeto de percepção. É por essa razão que, quando a percepção ocorre uma ou várias vezes dessa maneira, a alma é muito frequentemente capaz de contemplar a forma de algo em seu próprio mundo, sem requerer um objeto material externo como intermediário. No estado de pós-morte não resta nenhum obstáculo que impeça a alma de perceber tudo que ela sente e percebe, sem a intermediação seja de um dado material externo ou de um órgão corporal que não pertença ao mundo da alma nem à verdadeira realidade da alma...

¹ Trechos de autoria de Sadruddin Muhammad Shirazi, traduzidos e publicados por Henri Corbin em *Book of the Theosophy of the Throne (Kitab al-hikmat al-arshiya)*. Teerã, 1897, pp. 148, 151-155, 195-198.

² N.T. O presente texto foi traduzido originalmente para o francês por Henri Corbin, e publicado em “Terre céleste et corps de résurrection, de l’Iran mazdéen à l’Iran shiite. La barque du soleil”, por Buchet-Chastel, em 1960. Posteriormente, esse livro foi traduzido para o inglês e publicado na primeira edição em 1976 sob o título “Spiritual Body and Celestial Earth. From Mazdean Iran to Shi’ite Iran.” A presente tradução para o português é da edição de 1990, da Princeton University Press, pp. 164-170.

De todas as realidades que o homem vê e contempla além do mundo, aquelas cujas delícias - como *houris*, castelos, jardins, vegetações verdes, e riachos de água corrente³ -, assim como seus opostos - os tipos aterradores que compõem o Inferno - nenhum desses é extrínseco à ele, à própria essência de sua alma, nenhum deles é distinto ou separado de seu próprio ato de existência. A realidade substancial é mais forte, sua permanência mais bem afirmada, sua essência mais estável, do que no caso das formas materiais de nosso mundo sensorial, que é sujeito a incessante renovação e mudança. Que ninguém acredite ter o direito de questionar o local, o *situs*, e a direção dessas realidades; nem mesmo considerar que elas estejam dentro ou fora de nosso cosmos, se elas estão acima da Esfera das Esferas que determinam as coordenadas do espaço sensorial, ou se estão incluídas nos círculos dos Céus, ou se estão abaixo das Esferas celestes. Tais questões não têm significado quando é compreendido que nós nos referimos a outra dimensão de existência; entre ela e o mundo material não existe relação como a de um *situs* ou dimensão.

Certamente, o bem conhecido *hadith* assegura que a Terra do paraíso é o firmamento (o oitavo Céu ou o Céu das constelações), enquanto seu “telhado” é o Trono do Todo-Misericordioso (a Esfera das Esferas, o empíreo). Mas, isso não deve ser entendido como se referindo ao campo astronômico delimitado pelo espaço desse mundo, entre o Céu das constelações e o Céu supremo. Não, nós devemos compreender que ele se refere aquilo que corresponde ao plano esotérico de cada Céu, suas realidades supra sensórias, suas entidades espirituais, pois o Paraíso é interno em relação à realidade supra sensória do Céu.

Similarmente, quando é dito que o Paraíso está no sétimo Céu e o Inferno na Terra mais baixa, é necessário compreender que isso se refere a algo interno, algo oculto por detrás dos véus desse mundo, pois o *mundo além* é perpétuo, eterno; sua doçura é incessante, seu deleite é ininterrupto, suas frutas, nunca proibidas. Tudo o que o homem aspira, é instantaneamente apresentado a ele, ou deveríamos dizer: retratar seu desejo é a própria experiência da real presença de seu objeto. Mas a doçura e o deleite são a expressão do Paraíso e Inferno, bem e mal, tudo o que pode atingir o homem daquilo que constitui sua retribuição no mundo além, não tem outra fonte que o “Eu” essencial do próprio homem, formado por suas intenções e projetos, suas meditações, suas mais profundas crenças, sua conduta. Seus princípios não podem estar em algo com uma existência e um *situs* diferente de seu próprio ato de existência.

Existem muitas diferenças entre os corpos desse mundo e aqueles do *mundo além*. No outro mundo, cada corpo é animado; está vivo graças à essência; é impossível conceber um corpo ali como sendo sem vida, ao contrário de nosso mundo em que existem corpos desprovidos de vida e consciência, e onde corpos viventes nunca possuem mais do que uma vida efêmera e acidental. Os corpos desse mundo recebem suas almas no final do processo que os permitem recebê-las. As almas do *mundo além* produzem seus próprios corpos de acordo com suas próprias necessidades. É por isso que em nosso mundo, corpos e realidades materiais erguem-se progressivamente, de acordo com suas aptidões e metamorfoses, para encontrar as almas, enquanto que, no outro mundo, as almas descem para encontrar seus corpos. Aqui embaixo, a virtualidade é cronologicamente antecedente a um ato, enquanto o ato é ontologicamente antecedente à virtualidade. No mundo além, virtualidade é ontologicamente, e onticamente, antecedente ao ato. Aqui, o ato é mais nobre que a virtualidade porque ele é sua realização. Ali, a virtualidade é mais nobre que o ato porque é aquilo que produz o ato.

³ N.T. Esses são elementos descritos no Corão como compondo as visões do Paraíso: as *houris* são as virgens.

Corpos e volumes são infinitos no outro mundo, porque eles se originam nas imaginações e percepções da alma, que são ambas infinitas. Provas de que dimensões são necessariamente finitas não são válidas para o *outro mundo*; elas são somente válidas às dimensões e espacializações materiais desse mundo. Ainda assim, não existem aglomerações nem desconforto no outro mundo; nenhum corpo está fora de outro, nem dentro. Cada ser humano, abençoado ou condenado, possui um universo completo, mais vasto nele mesmo do que nosso mundo, e nunca formado, em relação ao universo de outro homem, como se fosse um degrau na mesma série, pois cada abençoado possui qualquer proporção da série inteira que ele deseja. É por isso que o Grande Místico Abu Yazid Bastami declarou: “Mesmo que o Trono, com tudo que ele contém, entrasse nos locais secretos do coração de Abu Yazid, Abu Yazid não iria percebê-lo.”

Agora, em relação ao modo como os atos assumem um corpo, e as intenções assumem uma forma no dia da ressurreição, você deveria saber o que foi dito sobre a matéria de suas formas. Cada forma exterior tem seu modo particular de aparição na morada da alma. Reciprocamente, cada forma interna, cada forma psíquica, todo comportamento, cada *habitus* enraizado na alma, possui um modo de existência além da mente⁴. Você não vê que quando um corpo úmido exerce seus efeitos em uma matéria corporal capaz de receber umidade, tal matéria recebe a umidade e se torna úmida, assim como aquele corpo, tendo, portanto, a mesma flexibilidade plástica desse último? Ao contrário, se ela (a umidade) trabalhar sobre outra matéria, por exemplo, em um órgão de percepção sensória ou de percepção imaginativa, mesmo que esse órgão sofra a ação da umidade, essa não é a mesma ação; ele não se torna úmido seguindo o modo daquele corpo, mesmo ao receber a essência (quididade) de sua umidade, mas em outra forma ou de outro tipo. Por sua vez, a faculdade intelectual do homem recebe outra forma dela e percebe outro modo de sua existência e aparição, ainda que a quididade em questão continue a mesma, nomeadamente a essência (quididade) da umidade e o úmido.

Aqui, vemos como a mesma quididade possui três formas em três diferentes moradas; para cada uma, ela tem um modo de existência apropriado e um modo definido de aparição. Pare para considerar a diferença de status mostrada por essas três existências de uma única e mesma quididade, e compare a maneira com que cada realidade ideal e cada quididade concreta pode assumir diferentes configurações em seus modos de existência e aparição. Então, não fique surpreso se a raiva, que é uma modalidade psíquica quando surge, tomar uma forma de existência além da mente e se tornar um fogo devorador; nem se o conhecimento, que também é um modo de ser da alma, se tornar uma fonte chamada *Salsabil* (uma fonte do Paraíso - Corão 76: 18) quando ela surge, tomando a forma com uma existência além da mente, não se surpreenda se aquilo que fez alguém injustamente consumir as riquezas de um órfão se tornar no outro mundo um fogo que tortura suas entranhas; nem se o amor por esse mundo, isso é, más paixões e ambições possessivas que são doenças da alma, se tornarem escorpiões e cobras picando. Isso deveria ser suficiente para fortalecer a fé de alguém capaz de entender as promessas e admoestações proferidas pelo Profeta.

É incumbente a cada um que tenha a força de se aventurar por mais elevados conhecimentos, meditar sobre qualificações psíquicas, os modos de ser da alma, e sobre os caminhos nos quais esses modos de ser geram efeitos e atos externos. Ele deve fazer desse conhecimento um guia

⁴ N.T. No original, a palavra é *extramental*. A tradução desse termo é também dúbia, pois pode ser algo como ‘fora da mente’, mas pode também ter o sentido da existência no *outro mundo*, que Mulla Sadra designa como o próprio mundo da alma e, talvez por isso, além da mente; mas não com um sentido de ‘fora da mente’ como algo que exista no mundo concreto.

para que possa compreender como certos modos de ser e comportamentos implicam na produção, no dia da ressurreição, de efeitos externos apropriados a eles. Um exemplo: a violência da raiva em um homem produz perturbação no sangue, rubor na face, suor na pele. Agora, raiva é um estado psíquico, algo que existe no mundo interno do homem. No que diz respeito aos efeitos mencionados, tais efeitos são os modos de ser dos corpos orgânicos materiais; permanece o fato que eles são os efeitos produzidos nesse mundo por estados puramente psíquicos. Portanto, porque ficar atônito se, no outro mundo, a raiva é convertida em um fogo puro que incendeia o coração, infecta as entranhas, consome as vísceras, assim como ela é inerente a ele nesse mundo para aquecer o corpo, acelerar a pulsação das artérias, fazer os membros tremerem, consumir os humores, às vezes conduzindo a sérias doenças, até mesmo um acidente fatal. Bem, isto é o mesmo para todas as formas corporais e materiais existindo no mundo além; todas elas resultam de hábitos adquiridos pela alma, de seus bons ou maus comportamentos, das crenças que professam, de suas intenções boas ou corruptas, por tudo neles que se enraíza por repetição de ações e modos de fazer as coisas nesse mundo. Por isso, se as ações são a fonte de comportamento nesse mundo, almas são os princípios dos corpos no mundo além por seus modos de ser.

Quanto à *matéria* constituindo corpos no além, por meio da qual as ações ganham corpo e as intenções se concretizam, essa matéria não é nada mais que a própria alma humana. Da mesma forma que a “matéria material” (*hyle*⁵) está aqui, a matéria da qual os corpos e formas estendidas são constituídas - ainda que essa matéria nela mesma não possua extensão -, a alma humana é a matéria que, no mundo além, constitui os existentes que lá, possuem extensão e forma, embora a alma em si seja uma realidade espiritual sem extensão. Mas, nesse ponto, certas diferenças surgem entre as funções análogas da alma e da *hyle*.

A existência da matéria (*hyle*) é, puramente, existência potencial; em si mesma não possui um ser de fato, exceto através de formas corporais. É bem ao contrário com a alma, que é uma existência de fato, tem uma existência substancial, e é dotada da habilidade de perceber. Ela começa por ser, nesse mundo, a *forma* do corpo elemental. Então, ela se torna a matéria do mundo além, para as formas do mundo além, com as quais ela está unida por um modo de união peculiar. Ela é, portanto, por um lado, a *forma* das realidades materiais de nosso mundo e, por outro, a *matéria* das formas do mundo do além, sopradas nela no “dia em que o sopro do Anjo fará as trombetas soarem”, quando todos virão correndo em multidões, de acordo com suas várias espécies.

Ainda, a alma é a matéria sutil espiritual (*madda ruhaniya latifa, spissitudo spiritualis!*); ela pode receber formas somente em um estado sutil supra sensorio, perceptível não aos sentidos desse mundo, mas aos sentidos do mundo além. Por outro lado, a matéria material (*hyle*) é uma matéria densa e opaca, que recebe formas densificadas determinadas pelas dimensões e posições sensoriais, misturas de potencialidade e não ser. Ainda mais, a matéria material se comporta de um modo passivo em relação às formas que ela recebe; ela sofre mudanças, alterações e movimento. Em contraste, o comportamento da alma ao receber formas que se tornam enraizadas nela, é uma ação conservadora, um envolvimento ativo. Não existe incompatibilidade entre sua receptividade em relação às formas e sua ação de produzir essas mesmas formas, já que é precisamente por esta mesma “razão” de seu ser que ela simultaneamente, produz e recebe as formas e imagens produzidas por ela mesma; o mesmo

⁵ N.T. *Hyle* é um termo grego que designa a substância imaterial da matéria, a matriz primordial da matéria, mas também a base material intermediária entre tal substância e a matéria concreta.

permanece válido para seu conhecimento dos princípios primordiais, a existência dos quais não é diferenciada da própria existência em si da Inteligência, que causa suas existências.

Existem ainda outras diferenças; a receptividade, naquele mundo, não tem o sentido de uma aptidão progressivamente adquirida, nem de um potencial futuro. Finalmente, aqui, formas são tantas perfeições quanto às suas matérias e substrato, enquanto que lá, as formas, nascidas da própria alma, não são perfeições em relação à alma, já que elas são formas *atualizadas* por ela. Lá, a perfeição crescente da alma consiste inversamente em sua atualização dessas formas, isso é, em ser tal que ela mesma produz essas formas, e faz delas os objetos de seu próprio conhecimento. Existe entre os dois aspectos uma diferença fundamental, já explicada em outro lugar.

Traduzido para o português por ImagoMundi e disponibilizado em novembro de 2021 a partir de Henri Corbin, 1990, **Spiritual Body and Celestial Earth. From Mazdean Iran to Shi'ite Iran**. Princeton University Press, pp. 164-170.